

## TRANSCULTURAÇÃO E MIGRAÇÃO NAS AMÉRICAS<sup>1</sup>

Uma tradução semiótica da chegada dos imigrantes japoneses em solo brasileiro.

CLAUDIO, Ranyane Melo (PIBIC/CNPq/UFPB)  
SCHNEIDER, Liane (Orientadora)

*São cada vez mais raros os indivíduos que não abandonaram seu ambiente de origem ou seu lugar de socialização primária. Os homens não morrem mais onde nasceram. Em outras palavras, todos nós somos desenraizados*  
(JEANPIERRE, 2008).

**Resumo:** A transculturação é um fenômeno definido por Porto e Torres (2005) como sendo “a passagem às diferentes fases do processo de transição de uma cultura a outra.” O interesse por esse fenômeno vem aumentando cada vez mais nos últimos tempos. Com isso não são poucos os estudos que demonstram o processo da transculturação entre os imigrantes nas Américas no período pós-colonial. Portanto, o presente trabalho tem o intuito de demonstrar como a transculturação entre os imigrantes japoneses vindos para o Brasil em 1918, encontra-se na obra do escritor Jorge J. Okubaro em seu romance *o Súdito* – (Banzai, Massatern!) e ao mesmo tempo, buscaremos demonstrar a forma como está representada a inserção desses imigrantes em solo brasileiro no texto literário analisado. Além de Porto e Torres (2005) e Okubaro (2008), utilizaremos como suporte teórico: Jeanpierre (2008), Hall (2003), Nogueira (1984), Faria (2009) entre outros.

Palavras-chave: Transculturação, migração, cultura, semiótica.

**Abstract:** The transcultural phenomenon is defined by Porto e Torres (2005) as “the passing through different stages of transition from one culture to another.” The interest in this phenomenon has been increasing recently. As a result, there are innumerable studies that demonstrate the process of transculturation in the Americas as it took place among immigrants in post-colonial period. Therefore, this paper aims to demonstrate how the transculturation between the Japanese immigrants who came to Brazil in 1918, represented in the novel written by Jorge J. Okubaro “O Súdito - (Banzai Massatern!)” and at the same time, verify the ways through which such insertion of immigrants is represented in the analyzed text. In addition to Porto Torres (2005) and Okubaro (2008), we will use as theoretical support: Jeanpierre (2008), Hall (2003), Nogueira (1984), Faria (2009) among others.

Keywords: Transculturation, migration, culture and semiotics.

### 1. Introdução:

Durante muito tempo a palavra migração esteve sempre co-relacionada à migração de aves de rapina de um hemisfério a outro, significando o movimento pela sobrevivência que essas assumiam ao se deslocarem. No entanto, durante as últimas décadas tal termo recebeu uma nova carga semântica e passou assim a ser sinônimo do movimento efetuado por pessoas que, por algum motivo, tiveram que sair de sua terra natal para tentar a sorte em outros lugares. Como aponta Hall (2003) às principais causas para tais deslocamentos têm vínculo com: “A pobreza, o subdesenvolvimento, a

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta parte das pesquisas e resultados atrelados ao projeto de pesquisa “Diáspora e migração e a narrativa contemporânea nas Américas”.

falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento - a dispersão.” (HALL, 2003: 23). No entanto, como aponta Dufoix (2008) também podem ocorrer migrações voluntárias - para fins de negócios, trabalhos, colonização, ou ainda pela (...) empatia e solidariedade para com outros países. (DUFOIX, 2008: 23) <sup>2</sup>. Edward Said (2003: 54) aponta que “há sempre uma possibilidade de escolha, quando se trata de emigrar”. No entanto, não importando de fato quais motivos levaram e levam inúmeros imigrantes a migrarem de seus países de origem para outros lugares, o que não pode nunca ser desconsiderado é o efeito que essa migração traz para o local/país de chegada desses povos carregados de tradições, costumes e culturas de seus países de origem que, com o tempo, vão misturando-se, miscigenando-se com a cultura local. Woodward (2006: 21) aponta claramente esse potencial de mútua influência: “A migração tem impactos tanto sobre o país de origem quanto sobre o país de destino” e Porto e Torres (2005) complementam esta idéia da seguinte forma:

Nenhuma cultura pode absorver totalmente uma outra nem se furta às transformações decorrentes de tal confronto. Daí decorre, em particular, o caráter transitório da cultura (i)migrada que, pela impossibilidade de se manter inalterada no espaço do outro, pode fecundá-la através de trocas criativas próprias da transcultura. (PORTO E TORRES, 2005: 229).

E durante esse processo de entre - lugar (*in-between*), de acomodação e de embates culturais entre a cultura de origem e a cultura do país de chegada é que ocorre o processo denominado por Porto e Torres como “*Transculturização*” que nada mais é que “[o processo] de passagem às diferentes fases do processo de transição de uma cultura a outra.” (PORTO E TORRES, 2005: 229) e que como afirma Jeanpierre (2008) “Os estudos migratórios atestam que o território da chegada estrutura os destinos dos deslocados” (JEANPIERRE, 2008: 190). Portanto, iremos verificar neste artigo como esse processo de transculturização, de passagem de um cultura a outra encontra-se representado no romance *O Súdito* – (Banzai, Massatern!) do escritor Jorge J. Okubaro, romance vencedor do prêmio Jabuti (2007), no qual o autor narra a história do jovem Massateru que, aos 13 anos de idade, embarca a bordo do navio Wakasa Maru e migra com os tios do Japão para o Brasil com o intuito de deixar no passado as dificuldades que enfrentava em sua terra natal e realizar o sonho de ter prosperidade, ainda que em uma terra distante.

## **2. Razões para migrar para o Brasil:**

Como apresentado anteriormente, há inúmeros fatores que podem influenciar na decisão de um indivíduo, povo ou nação em emigrar, podendo ser esta migração tanto de caráter voluntário ou não. No entanto, como explica Nogueira (1984: 15), na maior parte das vezes tal decisão por migrar não é algo simples:

Entretanto, o homem não se dispõe a mudar com facilidade. Isto porque o ser humano de certa forma sente-se preso por mil laços invisíveis ao lugar onde nasceu, isto é, à sua pátria, ao seu estado, ao seu município, ao seu lar, à sua família, à sua casa, a

---

<sup>2</sup> As traduções de textos em inglês são da responsabilidade das autoras do presente texto.

seus amigos e vizinhos e, sobretudo, às tradições e hábitos herdados de seus pais. Assim sendo, somente razões extremamente fortes conseguem arrancar o homem de suas raízes.

“Somente razões extremamente fortes conseguem arrancar o homem de suas raízes” (NOGUEIRA, 1984: 15). Portanto, NOGUEIRA (1984:16), discutindo as ideias de Sorre, aponta que “com exceção [apenas] dos refugiados políticos, o que leva um grupo a se deslocar de uma região para outra é, na maioria das vezes, motivação [es] de ordem econômica.” Sabemos que as mudanças na organização econômica mundial também afetaram tais movimentos populacionais, como lemos abaixo:

Na fase de transição da era feudal para a capitalista, a economia mercadológica e monetária trouxe reflexos de vária ordem para a comunidade rural, até então submetida a velhos padrões. Uns perderam terras, outros ficaram desempregados, e quando a estrutura da sociedade até então vigente começou a desmoronar, passou a aumentar o número dos que saíam para tentar ganhar dinheiro em outras localidades ou se afastavam das regiões em que moravam em busca de novos empregos na metrópole. E se a industrialização de um país se mostrava insuficiente, incapaz de absorver os trabalhadores saídos do meio rural, então era imperioso deixar a família no interior e tentar ganhar dinheiro em outras localidades. Quando se ia para o exterior, a emigração se caracterizava pelo objetivo de ganhar dinheiro. (HANDA, 1987: 72)

E foi exatamente por questões econômicas que em 1908, o navio Kasato Maru saiu do porto de Kobe e, 52 dias depois, aportou em Santos, litoral de São Paulo, com 791 imigrantes a bordo (FARIA, 2009: 33). Assim era dado início à imigração japonesa no Brasil. Não obstante, via de regra, esses imigrantes vinham em busca de riquezas no Brasil, sem planos de aqui permanecer. Eles planejavam enriquecer e voltar a sua terra natal com subsídios suficientes tanto para levarem uma vida mais confortável em seu local de origem, quanto para colaborarem com o enriquecimento de seu país, como tinha ordenado o Imperador a seus súditos. No entanto, no decorrer do tempo eles perceberiam que o seu plano inicial cada vez mais ficava distante e que teriam que conformarem-se em permanecer em uma terra estrangeira, pois não tinham mais como voltar. Esses são fatos verídicos, observados por historiados e sociólogos sobre o processo de imigração japonesa. Vejamos agora como tais fatos estão representados na literatura de Okubaro.

### **3. Em solo brasileiro:**

No romance em questão, percebemos que o que trouxe o jovem Massateru e a sua família para o Brasil foram essas mesmas questões que regem as principais motivações para a migração (voluntária ou não) de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos de um lugar para o outro apontadas pelos teóricos da área. A “promessa do retorno redentor” pode não acontecer e, se acontecer, nem sempre o migrante traz consigo uma situação melhor do que era sua situação ao partir, como podemos ver no trecho que abre a narrativa em foco:

[...] Colher café no Brasil era o caminho mais rápido para alcançar a riqueza que sua terra insistia em negar a sua família verdadeira. Ficaria rico em pouco tempo, sonhava, para voltar depressa ao encontro de seus pais e, com o dinheiro poupado, tornar-lhes menos penosa a sobrevivência (OKUBARO, 2008. p.25).

Esse trecho da narração nos mostra um dos principais objetivos de grande parte dos indivíduos que migraram a partir da segunda metade do século XIX para as Américas. No caso específico do Brasil, com a abolição da escravatura foi decidido que se iria convocar pessoas da Europa para trabalhar nas fazendas de café. Mas, no entanto, com as péssimas condições de trabalho e de vida atribuída aos imigrantes europeus, alguns países da Europa, como a França e a Itália, resolveram impedir a vinda de seus cidadãos para trabalharem nas fazendas de café brasileiras. Com isso, apenas restou uma única solução ao Brasil - buscar mão de obra em países asiáticos. E assim se sucedeu quando, em 1907, o governo brasileiro emitiu uma lei que permitia a migração de japoneses para o Brasil. E como comenta FARIA (2009: 32): “Foram distribuídos no Japão diversos folhetos que prometiam trabalho e dinheiro. Despertou-se um interesse geral devido à falta de empregos no país oriental na época.” Tal situação é também retratada no romance em tela. Após passar diversos dias em um navio, Massateru e os tios, acompanhados de mais uma leva de imigrantes, finalmente conseguiram desembarcar no Porto de Santos, litoral de São Paulo. Para eles, aquele seria o término de um período de sofrimento e o prenúncio de uma nova vida. Uma vida agora repleta de sonhos e de esperanças como nunca antes vividos, o que se vislumbra no seguinte trecho do romance. “[...] Parecia o fim de um pesadelo, que ele suportava resignadamente até agora porque, diziam-lhe, era o preço e o prenúncio de uma vida de sonhos que começava em seguida. Acreditou” (OKUBARO, 2008. p.23).

As diferenças entre esses dois espaços físicos – Japão e Brasil - iam muito além da simples diferença no modo de preparar os alimentos, a forma de dormir e o modo de adoração. Como bem observam Porto e Torres (2005: 231), “o ser migrante se situaria no espaço entre duas línguas, duas culturas, duas memórias culturais”.

Assim, Massateru aos poucos começa a perceber que o sonho de partir para uma terra distante e, desse modo, conseguir prosperidade para os membros da sua família que ficaram no Japão não seria tarefa fácil de realizar. Ditava a tradição oriental da época que o filho primogênito seria sempre o filho que cuidaria de seus pais e que manteria o rito de adoração aos seus antepassados (rito esse que, para eles, era como uma religião). Por isso foi permitido a Massateru partir, pois ele, como segundo filho daquela família, não tinha tantos deveres como o filho primogênito para com a geração anterior. Ele e os outros imigrantes que embarcaram em sua companhia passaram uma temporada na pousada do imigrante, aprenderam um pouco do que seriam suas novas funções, e, ao mesmo tempo, deveriam acostumar-se um pouco com a língua portuguesa (que era totalmente diferente da sua língua materna), a comida brasileira e uma cultura que era totalmente inusitada para ele. Então, após essa temporada na hospedagem e, após ter aprendido todas essas coisas, finalmente era chegada à hora de partir, mas agora de partir para as fazendas de cafezais repletos de frutos prontos para serem colhidos por esses imigrantes, como vemos no trecho a seguir:

[...] Era estimulante para os imigrantes chegar numa época de trabalho intenso e rendoso, pois sua remuneração era determinada pela quantidade de café que conseguiam colher.

Ficavam com a sensação de que não tinham sido enganados quando lhes disseram que era só estender os braços para recolher dinheiro na forma de café em grão. (OKUBARO, 2008. p.87).

“Dinheiro na forma de grãos”, era isso que o café representava para esses imigrantes, e era para colher toda essa riqueza que eles vierem de tão longe e passaram por todas as atribulações durante a longa viagem a bordo do navio Wakasa Maru. No entanto, como veremos a seguir, a tão sonhada ‘prosperidade’ era algo de difícil alcance:

[...] Os primeiros grãos de café que conseguiram colher provocaram-lhes sensações muito ruins. Os galhos ainda estavam úmidos e gelados, apesar de não ter geado naquela manhã, isso congelava as mãos, que iam perdendo sensibilidade. Os dedos, a palma e o dorso da mão se esfolavam, mas eles quase não sentiam. O quase congelamento das mãos fazia o trabalho render mais, pois, sem sentir dor, colhiam de maneira intensa. (OKUBARO, 2008. p.88)

Após passarem por essas primeiras e duras experiências nos cafezais, os imigrantes e principalmente Taru, o tio de Massateru, já começavam a sentir falta de sua casa e pensavam mesmo intimamente em regressar a sua terra natal, mesmo sem retornar com o dinheiro e a prosperidade que vieram aqui buscar, como lemos: “[...] Nunca tinham imaginado que a vida de imigrante fosse daquele jeito. ‘Se soubesse, não teria vindo’, arrependeu-se várias vezes Taru, embora nunca tivesse dito isso à mulher e ao sobrinho, para não lhes instilar tão depressa o desejo de regressar” (OKUBARO, 2008. p.91). Vários outros imigrantes japoneses passaram a ficar decepcionados com a escolha que havia feito, pois, diferentemente do que lhes fora prometido no Japão, começaram a perceber que demoraria mais do que imaginaram para conseguirem poupar um pouco de dinheiro. Como bem observa a teórica Woodward (2006), “a migração é um processo característico da desigualdade em termos de desenvolvimento” (WOODWARD, 2006: 21). Exatamente por isso fica sempre mais difícil desconstruir essa ideia de que o subordinado conseguirá tanto ou mais subsídios do que o seu subordinador, como lemos no trecho a seguir do romance em tela:

[...] Trabalhavam duro, passavam por privações, economizavam quanto podiam e, quando pensavam dispor de algum dinheiro para poupar – fosse para levar de volta para o Japão ou para melhorar de vida no Brasil - , descobriam que do pouco valor a que tinham direito por tudo o que haviam feito era preciso descontar o vale, ou a “ordem”, como se dizia na fazenda. (OKUBARO, 2008: 92).

Dessa forma, os imigrantes trabalhavam duro o máximo que conseguissem para juntar o dinheiro a fim de que pudessem regressar logo a sua terra natal. E um dos fatores que os ajudava e muito nesse processo era o fato de, diferentemente dos outros colonos da fazenda, não irem à igreja aos domingos, pois eles não eram cristãos e os

seus ritos de adoração, como já citado anteriormente, limitavam-se, primeiro ao culto ao imperador, algo já forte quando embarcaram nos navios que os trouxeram para o Brasil e que foi se fortalecendo à medida que o Japão acumulava vitórias militares e se preparava para expandir seus domínios no Oriente (OKUBARO, 2008. p.99). Além disso, havia a adoração aos seus ancestrais que já haviam morrido, mas que ainda podiam ser ouvidos pelos que acreditavam, o que os ajudava a enfrentar as dificuldades do dia-a-dia. Também por isso os imigrantes possuíam em seus lares um altar no qual podiam oferecer comidas e bebidas a seus antepassados mortos, pois, como eles mesmos acreditavam, esses seres também sentiam as mesmas necessidades dos vivos. E dessa forma esses imigrantes viviam e adoravam sem a obrigação de irem à igreja aos domingos como os outros colonos faziam, trabalhando até mais no dia considerado como “sagrado” pelos ocidentais, conforme destacado nesta passagem:

[...] Sem a obrigação de ir à igreja aos domingos, os japoneses trabalhavam sem descanso, de segunda a segunda, o que, para muitos europeus e brasileiros, podia ser um mal para os fazendeiros. Se os japoneses podiam trabalhar tanto, porque os outros não podiam também? Os colonos de origem ocidental não conseguiam entender que os japoneses faziam isso não para afrontá-los, desafiá-los ou indispor-los com a administração da fazenda, mas para – de maneira ilusória, como Massateru já percebera – ganhar dinheiro e voltar o mais depressa possível para a sua terra natal. (OKUBARO, 2008:102 -03)

Com essa e outras diferenças entre os colonos japoneses das fazendas de café e os outros colonos brasileiros e europeus, começou-se a perceber um certo distanciamento entre esses grupos, como ressalta vemos a seguir:

Quando um grupo minoritário, por exemplo, fecha-se e procura manter suas próprias características culturais, a marginalidade deixa de ser individual e passa a ser grupal. É o que se denomina quisto social. Portanto, ele existe em função das diferenças culturais. Na verdade o aspecto racial apenas facilita a discriminação, mas é acidental no processo, já que o problema real é o da diferença cultural ou de aculturação. (NOGUEIRA, 1984: 153)

Portanto, essas fronteiras e barreiras criadas na convivência com outros sujeitos fizeram com que os imigrantes de origem japonesa comesçassem a se agruparem em guetos. E como visto, esses “guetos” que foram constituídos naquela época anos mais tarde tornar-se-iam grandes colônias, como é o exemplo do bairro da Liberdade em São Paulo. Ainda que separados, esses imigrantes sempre conseguem encontrar um meio pelo qual podem cultivar seus hábitos e, assim, não se sentirem menos japoneses do que os que permaneceram em sua terra natal.

Contudo, no período da vinda dos japoneses para o Brasil no início do século XX certamente havia um sentimento nacionalista forte, que foi resgatado por aqueles imigrantes, como vemos no excerto abaixo:

[...] Além da diferença de língua, esses [diferente religião e o culto de adoração ao imperador] eram outros fatores que

distanciavam os japoneses dos demais colonos, isolando-os ainda mais e, desse modo, reforçando sua tendência a se fechar dentro de seu grupo étnico, o que fortalecia seu orgulho nacionalista. (OKUBARO, 2008. p.103).

E é esse sentimento nacionalista que é definido por Said (2003) como uma declaração de pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele [o nacionalismo] afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, que ao fazê-lo, rechaça o exílio e luta para evitar os seus estragos. Como efeito, a interação entre nacionalismo e exílio funciona como a dialética hegeliana do senhor e do escravo, opostos que informam e constituem um ao outro (SAID, 2003: 49).

E é esse sentimento nacionalista, representado por Okubaro, que é definido por Said (2003: 49) como uma declaração de pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele [o nacionalismo] afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, que ao fazê-lo, rechaça o exílio e luta para evitar os seus estragos.

Como visto, mesmo fora de seus locais de origem, os imigrantes trazem consigo também muitas cargas culturais e pré (conceitos) que os cercavam em sua terra natal e ainda outros, que surgem em solo estrangeiro, como apontado por Jeanpierre (2008): “Quando acreditamos que ultrapassamos fronteiras, que nos desembarçamos das hierarquias locais, outras fronteiras aparecem entre os próprios migrantes, que, apesar das solidariedades comunitárias e das origens semelhantes, acabam se separando entre si” (JEANPIERRE, 2008: 189). Com o passar do tempo, percebe-se que as semelhanças entre o grupo comum se reforçam, aumentando, assim, a união entre um grupo de indivíduos originário de um mesmo local e que, por diversas circunstâncias, encontram-se em uma mesma situação, ou seja, neste caso, situação de imigração. No romance em questão esses imigrantes, ao longo do tempo, foram percebendo que o seu retorno à pátria mãe seria mais difícil do que eles imaginavam e, com isso, aos poucos, começaram a adaptar-se, casando em solo brasileiro e tendo filhos brasileiros, fazendo assim com que a transculturação se tornasse mais intensa. Contudo, tinham sempre em mente que deveriam preservar a sua cultura, a sua língua e os seus costumes para as próximas gerações que quem sabe um dia fariam o caminho inverso de seus pais e avós.

### **Considerações finais**

Para esses imigrantes acima de tudo era fundamental, como afirma Stuart Hall (2003), possuir uma identidade cultural, estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta (HALL, 2003: 29). Por isso eles construíram escolas nas quais se ensinava e praticava-se o seu idioma natal, fazendo festas nas quais os seus descendentes podiam conhecer um pouco mais dos seus hábitos antes de virem para o Brasil, entre outras coisas. Com tudo isso, esses imigrantes conseguiram preservar boa parte da sua cultura para as gerações seguintes até os dias de hoje e assim também conseguiram criar uma atmosfera de união entre a cultura do imigrante e a cultura hospedeira, o que ficou bem registrado em trabalhos históricos e literários que se voltaram a retomar tais temas, como o romance sobre a imigração japonesa aqui discutido.

## REFERÊNCIAS

- DUFOIX, Stéphane. *Diasporas*. Tradução de William Rodarmor. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 2008.
- FARIA, Juliana de. *Meu avô Japonês*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Traduzido por Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.
- JEANPIERRE, Laurent. *O lugar da exterritorialidade*. In: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane. (Org.). *Travessias e cruzamentos culturais: A mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- NOGUEIRA, Arlinda Rocha. *Imigração Japonesa na história contemporânea do Brasil*. São Paulo: Gráfica Parma, 1984.
- OKUBARO, Jorge J. *O súdito (Banzai, Massatern!)*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008.
- PORTO, Maria Bernadette; TORRES, Sonia. *Literaturas Migrantes*. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFJF/EdUFF, 2005.
- SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Traduzido por Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomas Tadeu da. (Org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.